



Ismael Miquidade

ENTREVISTA

"Pessoa sã age com auto-estima"

Marta Guebuza, mãe de Armando Guebuza

Marta Mbocota Guebuza, 93 anos, é um caso raro de longevidade e lucidez de análise. Nasceu nas longínquas terras de Nkavelane, região da praia de Chonguene, na cidade de Xai-Xai, província de Gaza, sul de Moçambique.

Seus ancestrais mais próximos viviam na zona do Matxiki-txiki, zona da praia da Costa do Sol, cidade de Maputo. Na Escola Primária da Polana concluiu a quarta classe elementar, tendo depois ido para o Khovo Lar, na condição de privilegiada crente da Missão Suíça.

Brígida da Cruz Henrique

Marta Guebuza possui uma memória invejável. Recorda-se de certas ocorrências nitidamente, como se tivessem acontecido há duas ou três semanas atrás; como, por exemplo, as datas em que começou o romance muito moralista e puritano com o seu namorado Txembe-

ne; das datas de nascimento de todos os filhos, das transferências de Maputo para Murrupula, província de Nampula...

Tempo (T): Recorda-se como tratava o seu filho, Guebuza, enquanto pequeno?

Marta Mbocota Guebuza (MMG):

«Tratava-o sempre por *Armandinho*. Ele é o quarto filho, num grupo de oito filhos que tive desta minha barriga com o Miguel Guebuza Txembe-ne! Reconheço que ele sacrificou imensamente toda a sua juventude - ▶

► de lutando pela Nação moçambicana dado que, na verdade, não sendo país, em virtude da dominação colonial, Moçambique não era Nação; e os seus amigos daquele tempo lutaram pela libertação de Moçambique.

T: Para uma mãe, filho é sempre aquele menininho; continua a tratá-lo por Armandinho?

MMG: Em família, tratamo-lo mesmo por *Armandinho*. O outro nome dele tem piada; ele talvez não o conheça. É **Kombana**, que lhe foi atribuído por um tio. E é bom que se saiba que, para além do conhecido apelido *Guebuza*, existe este de *Txembene* que talvez seja muito pouco conhecido.

T: Aos 93 anos de idade conhece todos os seus netos?

MMG: Conheço-os todos. Tive oito filhos que me geraram 31 netos e 16 bisnetos. Conheço-os todos, nem sequer os confundo!

T: Mas qual é o segredo da longevidade? Milhões de jovens de hoje nunca chegarão à sua idade...

MMG: É preciso ter respeito próprio. É preciso um alto sentido de autodomínio; nunca agir por emoção. Uma pessoa mentalmente sã age com autoestima. Por princípio, deve agir com responsabilidade e nunca na base de emoções pessoais e de grupo de amigos ou de amigas.

Tempo: O que tem a dizer sobre a grande concorrência com que o seu filho Guebuza se confrontou antes das eleições?

MMG: Procurei evitar aflições que pudessem surgir do facto de eu pensar que o Guebuza é meu filho e que deveria ser o vencedor do pleito eleitoral de 2004. Aliás, sempre me achei proibida de fazer comentários a respeito dele e dos outros que fazem política...

Tempo: Será que a Vovó Marta não fazia mesmo nada a torcer para que o seu filho ganhasse?

MMG: Já que insistes, então ouve esta: orava dia após dia para que Deus o abençoasse de modo que venesse as eleições e lhe desse a oportunidade histórica de trabalhar mui-

to pessoal e directamente à frente dos acontecimentos que levem à consolidação da Nação moçambicana. Infelizmente, a minha idade já se foi; não pude correr para o meio das ruas e avenidas e fazer *campanha*!

Tempo: A «idade já se foi» mas há sempre qualquer coisa que sabe estar a acontecer nas ruas e nas avenidas...

MMG: Sim... Sim... O comportamento vergonhoso da juventude! Por exemplo, as raparigas não respeitam a ninguém e nem sequer a si próprias; andam nuas, casam-se *hoje e amanhã* divorciam-se. O lema “*até que a morte nos separe*” não é seguido nem observado. Actualmente só há divórcios; o pior é que se gastam *rios* de dinheiros com o lolobos, jóias e roupas para as miúdas, pais e avós, em comidas apetitosas para uma infinidade de gente que depois fica frustrada pelo facto de o festejado matrimónio não ter dado em *nada*.

Tempo: Sei que o seu marido era professor?

MMG: Sim, era!...O Miguel Txembene, na altura professor de uma Escola Primária do Benfica; conheces o Benfica!?... Como ainda eu era estudante; recordo-me, no antigo primeiro ou segundo ano do primeiro ciclo do liceu, eu estava com medo e receio de represálias; desaparecia dos olhares dele sempre que pudessem... Não fosse a cumplicidade de um tio meu, o Txembene não se teria casado comigo!

Tempo: Mas casaram-se...

MMG: Sim, mas um tanto a medo; não aceitava a ideia de ir viver num subúrbio, que não fosse da zona da Polana Matxiki-txiki; fora isso, essa ‘coisa’ de viver na base de vender carvão e lenha, não me ‘entrava’ bem; era negra, como continuo a ser, mas pensava que a vida podia ser boa e



melhor também para as pessoas de raça negra. A pobreza não tem raça!... O meu tio sossegou-me dizendo-me que já tinha acautelado tudo isso junto do Txembene! Parece que o Txembe pensava exactamente como eu; com o tempo confirmei isso!

T: Namoraram muito tempo?

MMG: Oh!... Namorámos pouco tempo; em menos de um ano casámo-nos, a 12 de Julho de 1928! Eu tinha 19 anos de idade. A minha relação como Txembene era forte! Quando fomos ao altar, não havia mimos a ‘dar’ com o olhar para os lados, acenar para os amigos e distribuir sorrisos... Casamento é assunto muito



Ismael Miquidade

sério...É preciso ter os ouvidos afinados e preparados para ouvir as conselheiras. Que muitas vezes até dizem e se desdizem. Mas é preciso aguentar e chorar cabisbaixa ao ouvir verdadeiros 'sapos' das *massungulukates* (matronas conselheiras).

T: Sei que depois foi morar com o seu marido no Bairro '25 de Junho', vulgo Choupal.

MMG: Mas não era uma casa propriedade do Txembene; não havia outra alternativa... Foi difícil viver na companhia dos sogros, mas paciência, porque queria e amava ao meu marido. Acordava de madrugada a acarretar água e procurava fazer tudo

perfeito como se recomenda a uma boa dona de casa. Os meus sogros, por vezes, enxovalham-me muito, mas nem com isso abandonei o lar. Volvidos alguns anos, transferimo-nos para a nossa casa no bairro de Lhanguene, onde passámos a viver e tivémos o terceiro filho, porque os dois anteriores tivémo-los lá no Choupal. O nosso nível de vida mudou para o bem e melhor e o Txembene teve a oportunidade de trocar o professorado pela enfermagem...

Tempo: Era assim no vosso tempo?...A vida a dois era assim tão promessora?

MMG: Dependia da força espiritual

de cada um!... Em tudo é preciso ter sentido de sacrifício; não achar que tudo chega por sorte ou por uma simples benção divina. Repara que algumas moças da minha idade separavam-se sem mais nem menos. Eu só me separei do Txembene quando ele morreu em 1968; passados 40 anos de vida conjugal. Não me quis meter com outro homem; fiquei a cuidar dos meus filhos sozinha.

Tempo: Tem noras?... Sente-se recompensada apesar de os seus estarem agora 'presos' às mulheres deles, suas noras?

MMG: Eu e as minhas noras somos muito amigas. A título de exemplo, uma das minhas noras converteu-se ao islamismo e nem sequer me senti angustiada com isso. Aliás, ela converteu-se ao islamismo quando ainda partilhava o mesmo tecto comigo. Gosto muito das minhas noras; gosto da Maria da Luz, da Glória, da Anchíla... Somos todas como que irmãs; há harmonia entre nós!... Não é que uma mãe viva eternamente juntamente com os seus filhos, ainda que estejam todos bem nas suas vidas e andanças por aí. Mesmo que o Guebas, (como a sociedade o trata) seja Presidente da República, não quero que me mexam no meu *canto!* Não quero! Que cumpram com as suas obrigações, como sempre o fizeram eu estando a viver aqui; aqui em *minha* casa!

Tempo: E Murrupula?...Pode falar de Murrupula, na Província de Nampula?

MMG: O Txembene é quem tinha sido transferido para Murrupula; tive que segui-lo mais tarde com os miúdos, e foi lá onde nasceu o *Armandinho*. Anos depois regressámos para Lourenço Marques (hoje Maputo) e, inesperadamente observo que estava grávida, pela sétima vez!...

Tempo: Inesperadamente porquê?

MMG: Porque eu e Txembene já éramos pais de seis filhos crescidos e era inconcebível ter mais um!

Tempo: Não tomava anticonceptivos?

MMG: O método era simplesmente natural... Isso de contraceptivos, vocês jovens de *hoje* é que conhecem, usam, abusam e arranjam problemas sem fim e, por fim, lamentam di- ▶

▶ zendo que não têm sorte e que os mais velhos não Vos educaram nem preveniram!

T: Nos seus tempos de mulher e dona de casa, a Dona Marta trabalhava?

MMG: Nunca precisei de trabalhar; sempre pensei que estava bem assim ao lado do meu marido, Txembene, dando-lhe o apoio humano no sentido da estabilização da nossa família e da educação dos nossos filhos menores que, como os filhos de todas as outras pessoas, sempre precisam permanentemente ou do pai ou da mãe, em casa!

T: Recorda-se da primeira vez que entrou para a política?

MMG: Sim... Quando chegou o Presidente Samora Machel em 1975... Fui uma das mulheres moçambicanas escolhidas para ir recebê-lo, ao aeroporto de Mavalane; cantámos e fizémos compassos de dança tipicamente moçambicana. Mais tarde, como membros da OMM (Organização da Mulher Moçambicana) fizémos um trabalho de raiz no sentido de mobilizar a sociedade com vista a se respeitar e valorizar a mulher-educadora da família e da comunidade, e como companheira do homem no trabalho e na geração de rendimentos a nível nacional.

Como resultado, há cada vez um maior número de mulheres moçambicanas preocupadas com a sua formação profissional e académica e isso só engrandece Moçambique. Nos momentos mais áureos da independência nacional, em que tudo era feito com espírito voluntário, recordo-me de ter participado na produção de hortícolas e de amendoim em Nwachitsena, no bairro das Mahotas, e em Estevel, no distrito de Boane.

T: Agora, aos 93 anos de idade, o que é que a Vovó Marta tem feito?

MMG: Quase nada!... Achas que posso competir contigo?... (risos)... Por causa da idade e não só, já comecei a ter problemas de hipertensão, a *vista* também já me 'atrapalha', os ouvidos, por vezes, parecem estar avariados, principalmente o ouvido direito, parece estar sobrecarregado, mal consigo ouvir!... Mas penso que uma das minhas grandes vantagens é ainda conseguir ver as horas no meu pequeno relógio de pulso.

T: A Vovó Marta dorme muito?... Acorda cedo?

MMG: Nunca abusei da cama, cria uma preguiça grave! Normalmente recolho-me por volta das 22 horas e acordo às 8 horas; dou voltas ao meu quintal e depois aplico-me nos inevitáveis afazeres domésticos...

T: Diz que acorda às oito, dá voltas no seu quintal... Ainda se aproxima ao lume para cozinhar?

MMG: Ah...gosto de preparar *Xientxa hi womo*, que é um prato tradicional composto de feijão cafreal e amendoim frescos. Depois de cozidos na mesma panela põe-se por cima a farinha de amendoim e com colher de pau mistura-se tudo, tornando-se uma massa compacta. Traduzido para o português quer dizer "Faz de propósito". Outro prato que aprecio e preparo sozinha e com muito prazer, é a *Xigonghonguana*, que é uma massa compacta de batata-doce com amendoim.

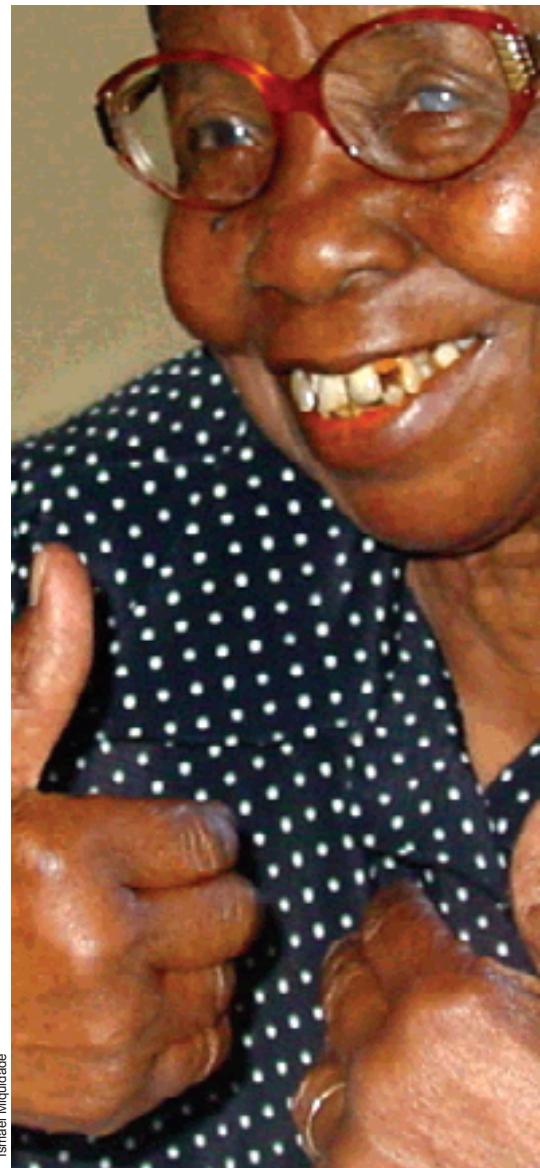
T: Isso ajuda a ter saúde e viver sem problemas de estômago?... Não é pesado?

MMG: É necessário comer alimentos de produção natural, verduras e legumes tipicamente das nossas terras africanas de Moçambique: cacana, matapa, upswa (massa de farinha de milho) feijão nhemba... Penso que as pessoas devem evitar comer constantemente comidas oleosas e enlatados. Mas, vocês, com a mania dos modernismos privilegiam as 'comidas rápidas' que não alimentam o organismo, na hora das doenças ficam expostos a doenças e a graves 'recaídas'!

T: O que é que acha da tradição?... O chamado Ntumbuluko?

MMG: Não estou contra. Olha... Eu fui lobolada. Mas é preciso que se diga que sempre houve homens que abusavam e ainda há homens que abusam das suas esposas só pelo facto de as terem lobolado.

Infelizmente, hoje o *lobolo* é avaliado em função do nível social da rapariga; desde a sua formação académica até ao estrato económico e social dos pais ou parentes directos. Para o *lobolo*, propriamente dito, é determinante que o rapaz possua a capacidade material e financeira para que se faça a sua *apresentação* e depois o *pedido ou anelamento*,



Ismael Miquilade

dentro da família da futura esposa, em ambiente que não falte uma festa importante.

Depois, em data que tenha sido marcada no dia do *pedido*, seguem-se as cerimónias complementares do *lobolo*, findo o qual o rapaz pode levar consigo a rapariga, para juntos viverem como cônjuges

Mas o problema não reside no *lobolo* em si; para o qual os pais da rapariga ou seus representantes ou tutores tenham solicitado valores monetários avultados, vestes cerimoniosas para a mãe e o pai, bem como para os avós, tia paterna (*hahani* ou *dzradzrana*)! O problema reside no facto de a rapariga *lobolada* não ficar muito tempo no lar, sobretudo devido a desavenças e a choque de gostos e devido a antagonismos culturais entre ela e o marido ou vice-versa. ■